

Ascenso Simões defende política centrada nas pessoas e critica radicalismos

written by Rui Paulo Costa | 15 de Dezembro, 2024



Na sessão realizada no Holiday Inn Porto-Gaia, moderada pelo fundador do Clube dos Pensadores, Joaquim Jorge, Ascenso Simões começou por agradecer aos presentes a oportunidade de discutir ideias num momento em que considera ser necessário reaproximar a política dos cidadãos. **“Vivemos num tempo em que a política é cada vez mais uma atividade em que os portugueses acreditam pouco”**, afirmou, destacando que esta perceção decorre da ideia de que os políticos estão afastados da realidade das pessoas.



Foto de FILIPE ARRAIS

Segundo ele, esse afastamento alimenta movimentos radicais que desafiam a convivência democrática. Para o ex-deputado socialista, é essencial uma análise profunda dentro dos partidos para compreender o que levou ao crescimento de formações como o Chega e as frentes mais radicais da esquerda. ***“Quando dizemos que é preciso combater o Chega, os moderados têm de perguntar: o que é que vocês fizeram para criar e ampliar o Chega?”***, questionou, apelando à autocrítica das forças políticas tradicionais.

Ascenso Simões alertou para o impacto do radicalismo na sociedade, argumentando que ***“a nossa vida, a vida das nossas famílias, é cada vez mais a nossa vida, cada vez mais prolongada no tempo, agora a chegar às oito décadas. A nossa vida é uma vida normal, não é uma vida radical. Então porquê que há cada vez mais políticos radicais? Porque os moderados não correspondem aquilo que são as pessoas comuns. E como não correspondem aquilo que são as pessoas comuns, essas pessoas comuns fartam-se de não terem respostas,”*** afirmando que os extremos surgem quando as pessoas deixam de encontrar respostas para os seus problemas. ***“E é aqui que nós devemos começar. Quanto mais nós levarmos o debate com calma, com direção, com atenção, respondendo às questões e às interrogações que os cidadãos têm, melhor será para a vida coletiva. Quando dois pais se sentam com os filhos à mesa e se contêm naquilo que em muitas circunstâncias, seria um par de***

tabefes, e noutras, berros altos, é melhor dialogar do que entrar num processo de escalada onde alguém vai perder. Ou somos filhos, ou somos pais e às vezes somos filhos e somos pais. Este núcleo da família deve ser a representação da sociedade", sublinhou, comparando a convivência política ao núcleo familiar, onde a moderação e o diálogo são indispensáveis para evitar conflitos.

O antigo secretário de Estado referiu ainda, que a apesar de dever prevalecer a moderação, a monotonia do comedimento político, aliado à falta de inovação no discurso e na ação, tem desmotivado os cidadãos. **"Os partidos do centro, ao serem monocórdicos, afastam as pessoas, que só têm vontade de desligar a televisão"**, afirmou. Essa desconexão não se limita à política, estendendo-se a outras instituições como a Igreja, cuja relevância social, segundo Ascenso Simões, tem diminuído devido à falta de lideranças inspiradoras.

Outro tema abordado foi a desigualdade social, em particular a situação dos pensionistas. Questionado pertinentemente pelo moderador, Joaquim Jorge, sobre o aumento extraordinário de 1,25% nas pensões, posposto pelo PS, Ascenso Simões reconheceu os esforços, mas defendeu uma estratégia mais ampla e inclusiva. **"O que nós precisávamos verdadeiramente era que nenhum pensionista tivesse uma pensão abaixo de 500 euros"**, afirmou, alertando para os milhares de pensionistas que ainda vivem com rendimentos insuficientes, abaixo dos 300 euros.



Joaquim Jorge, à esquerda e Ascenso Simões.
Foto de FILIPE ARRAIS

Ao ser confrontado com os limites orçamentais e a realidade de muitos trabalhadores que, sem descontos suficientes, recebem pensões baixas, Ascenso Simões defendeu um processo progressivo para corrigir desigualdades históricas. **“O que nós não podemos ter é pessoas que trabalharam de sol a sol, e porque não havia regime de segurança social na altura, serem deixadas para trás”**, declarou, enfatizando a necessidade de soluções sustentáveis a longo prazo.

Joaquim Jorge, a dada altura, pediu que o político o esclarecesse se achava que o governo da AD se confinava a apresentar projetos que não avançavam: **“O Governo é fazedor ou limita-se aos PowerPoints e pouco sai do papel?”**, perguntou. Ascenso Simões reconheceu que o atual Primeiro-Ministro não é superior ao anterior, mas destacou a existência de alguns ministros “perigosos” e de uma equipa que carece de preparação em algumas áreas. **“Temos alguns ministros melhores que os anteriores, mas outros demonstram debilidades evidentes”**, afirmou, apontando para a necessidade de maior competência em pastas fundamentais.

Ao abordar a recente queda do Governo da maioria absoluta, foi direto: **“Nós temos eleições fruto de uma circunstância em que**

o próprio governo da maioria absoluta caiu. Não foram eleições normais, quem criou as eleições foi o governo de maioria absoluta, em que a maioria absoluta caía todos os dias, ou seja, foram dois anos em que não havia semana em que não houvesse um caso. Não se pode dizer que tenha sido a oposição a derrubá-lo. Foi o governo que se esfarelou”.

Em relação ao novo governo: ***“Este governo nasceu de uma emergência, que foi haver eleições ainda provocadas por quem? Por uma maioria absoluta e haver uma certa impreparação, juntando-lhe uns rapazes que vêm da JSD, com algumas debilidades, mas outros que também têm alguma competência, não é? Bem, por exemplo, dizer que o ministro dos Negócios Estrangeiros não tem competência para o cargo. Tem! Dizer que a Ministra da Justiça não tem competência para o cargo. Tem! Dizer que o Ministro da Coesão não tem competência para o cargo, Tem!”*** Em todas as equipas há problemas, salientou, mas ***“quando nomeamos pessoas sem as qualificações adequadas, estamos a comprometer o futuro do país”***, alertou.

Outro tema central da intervenção foi o setor da saúde, que Ascenso Simões considerou estar atolado em problemas estruturais. Segundo ele, o Ministério da Saúde sofre de uma organização interna confusa e de desperdícios significativos. ***“Gastamos tantos recursos no Ministério da Saúde, e, no entanto, o serviço não corresponde às necessidades do cidadão”***, disse, destacando o impacto das “maçonarias internas” que perpetuam interesses corporativos.

Comparando com outros países, o ex-ministro sugeriu que a ordem dos médicos em Portugal acumula poderes excessivos. ***“Em Espanha, por exemplo, as competências de avaliação são meramente éticas e técnicas. O acesso à profissão é gerido pelo Estado”***, explicou, apontando que, em Portugal, a ordem exerce um papel que deveria ser do Governo, como determinar o número de vagas para especialidades.

Também comentou sobre o Tribunal de Contas, que, na sua visão, tem atrasado o desenvolvimento do país. ***“O Tribunal de Contas é hoje uma das principais instituições que atrasam o nosso desenvolvimento”***, disse, criticando a demora na avaliação de processos públicos. Contudo, sublinhou que em relação, a quando se fala em combate à corrupção, as ações não dependem apenas da atuação do Tribunal, mas de um sistema mais abrangente de transparência e fiscalização.

A renovação do Ministério Público foi outro ponto abordado. O socialista defendeu que os magistrados deveriam passar por uma formação contínua para se adaptarem às exigências modernas. ***“O magistrado do Ministério Público não pode ficar 30 anos sem entender as novas realidades, sem saber como aplicar o Código dos Contratos Públicos ou como interpretar as dinâmicas territoriais”***, afirmou.

No final, Ascenso Simões enfatizou a importância de enfrentar os desafios institucionais com pragmatismo e visão de longo prazo. Para ele, a política precisa de lideranças mais competentes e uma abordagem mais ajustada à realidade das pessoas, deixando para trás os excessos burocráticos e os conflitos de interesses que enfraquecem as estruturas do Estado.

OC/RPC